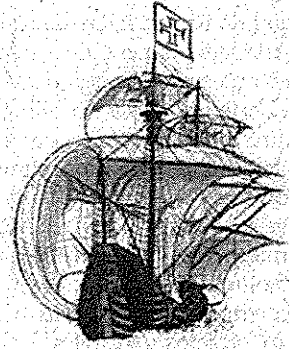


Xavantes abrem "embaixada" em São Paulo



Índios, que vivem em Mato Grosso, instalam em Juquitiba (cidade da Grande SP) casa para receber interessados em conhecer a vida do grupo

ROGÉRIO EDUARDO ALVES enviado especial a Juquitiba

Tradicional habitantes de Mato Grosso, os índios xavantes acabam de construir uma casa típica de sua cultura a 70 km de São Paulo, no município de Juquitiba.

Originários da aldeia Pimentel Barbosa, eles montaram, no sítio São Benedito, a "ri", uma casa xavante. O objetivo é apresentar a cultura indígena a visitantes que pagam para passar o fim-de-semana numa aldeia.

É uma espécie de "embaixada xavante", define o sociólogo Laymert Garcia dos Santos, professor livre-docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). "Por ser um povo muito guerreiro, uma das maneiras de defender o território, após anos de guerra com os fazendeiros, é a difusão cultural", diz.

Faz parte dessa estratégia o espetáculo "Rito de Passagem", um resumo de vários rituais, a ser apresentado em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No videodocumentário "A'uwê Uptabi - O Povo Verdadeiro", um velho índio lembra como foi o primeiro contato pacífico com os brancos, nos anos 40: "Vieram com hipocrisia e presentes para enfeitar o povo. Pensamos que fosse um ato de amizade sincera, uma forma de aproximação. Aceitamos os presentes".

Os xavantes integram a família linguística jê e são hoje cerca de 10 mil, vivendo em 55 aldeias, distribuídas em sete reservas: São Marcos, Sangradouro, Parabubure, Couto Magalhães, Areões, Rio das Mortes e Culue. Dentre os grupos indígenas, são o sexto mais populoso. Ficam atrás dos guaranis (41 mil), caingangues (22 mil), ticunas (21 mil), terenas (19 mil) e guajajaras (13 mil).

Para visitar o sítio, que já era utilizado para caminhadas ecológicas, os visitantes precisam agendar a ida com antecedência. A propriedade tem 15 alqueires, cerca de 363 mil m², 80% cobertos pela mata atlântica.

"Ninguém respeita o que não conhece, precisamos dizer quem são os xavantes", diz Ângela Pappiani, uma das coordenadoras do projeto Wará, nome da iniciativa dos xavantes e que significa o círculo em que se reúnem os homens, ao nascer e ao pôr-do-sol, para discutir assuntos da aldeia.

Durante o período de convivência, os visitantes (até 30) dormem na "ri". A casa xavante tem 10 m de diâmetro e 8 m de altura. Na aldeia em Mato Grosso, uma habitação dessas serve a uma família.

O material da construção precisou ser adaptado em solo paulista. Toda a cobertura da casa foi feita com fibras de sisal, no lugar do babaçu, normalmente utilizado nas construções xavantes, mas não encontrado em São Paulo.

No interior da "ri", os visitantes acomodam-se em esteiras de buriti espalhadas por todo o perímetro da casa. No centro, ficam o fogo e o índio mais velho.

Na aldeia Pimentel Barbosa, chamada pelos xavantes de Etenhiritipá, vivem cerca de 400 pessoas, em 25 casas dispostas em semicírculo, em torno do "wará", voltadas para o rio das Mortes e para a serra do Roncador.

Em Juquitiba, o grupo canta e dança, antes do nascer do sol, ao redor da fogueira, com dois ou três índios vindos especialmente para o fim-de-semana.

Segundo Siridivê Xavante, um dos coordenadores do projeto, o lago que fica ao lado da casa fornecerá peixes para a alimentação. Na pescaria, os xavantes prometem utilizar arco e flecha.

Além do peixe, o cardápio dos visitantes inclui alimentos à base de abóbora, mandioca, milho e batata. O único mantimento não indígena é o arroz branco.

Fazem parte do programa, ainda, a pintura com urucum e carvão sobre o corpo e caminhadas educativas pelas trilhas do sítio. Há programações de atividades diferentes de acordo com a faixa etária do grupo. O didatismo xavante prevê também a apresentação comparativa de objetos de diversos grupos indígenas. Segundo Siridivê, isso serve para mostrar que não há um "índio" genérico, mas povos de culturas diferentes.



Siridivê Xavante, coordenador do projeto, recebe alunos de escola particular de São Paulo

Batalha cultural tem muitas frentes

do enviado a Juquitiba

Antes de construir a "ri" a apenas 70 km de São Paulo, os xavantes trouxeram uma amostra de suas cerimônias, a que chamam "Rito de Passagem" — que, nesse caso, significa passar aos não-índios elementos de seus rituais.

As apresentações são como um "pot-pourri" de ritos que duram anos quando praticados na aldeia. Entre eles, por exemplo, estão amostras das danças que jovens executam durante a preparação para o casamento e a tradição de furar a orelha quando a criança passa para a idade adulta.

"É uma tradução feita pelos próprios índios daquilo que entendem que seja interessante para os não-índios", analisa Sílvia Lopes Tinoco, membro do Núcleo

de História Indígena da Universidade de São Paulo.

Apresentações desse tipo são um "momento de construção de identidade, um discurso político mesmo", diz a antropóloga.

Esse discurso tem sido elaborado pelos xavantes há alguns anos. Em 1997, eles apresentaram, em São Paulo, o "Isari - Canto e Dança Tradicional Xavante". Em 1998, junto com outros grupos indígenas, levaram o mesmo espetáculo para o projeto Mundo.

Para este ano, já está agendada uma apresentação do "Rito de Passagem" no parque Ibirapuera, no dia 27 de abril, e em Paulínia, no dia 29. Mais apresentações dependem de os índios obterem patrocínio para deslocar e alojar membros da aldeia.

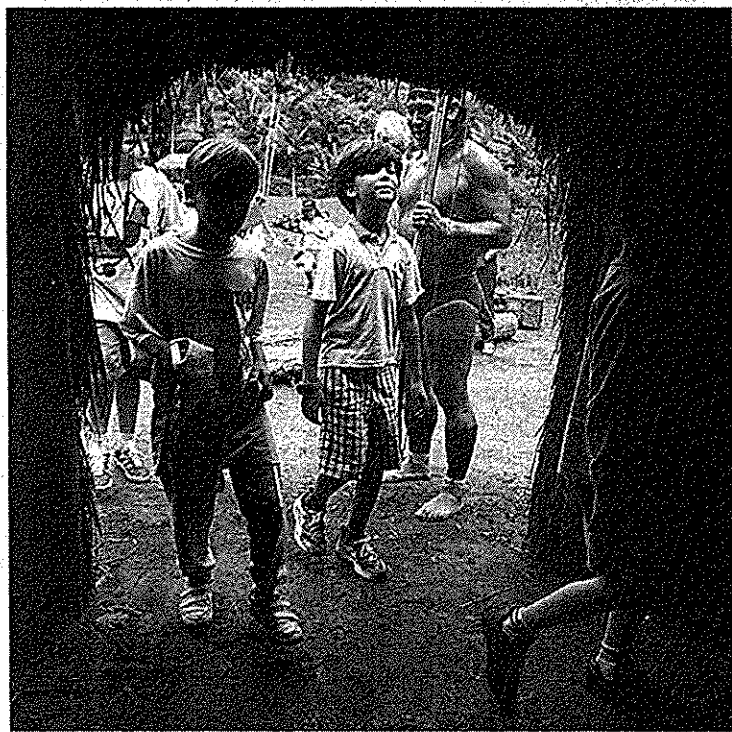
Os xavantes também já grava-

ram, em 1992, durante uma semana de Lua cheia, no pátio central da aldeia, cantos de sua tradição. As sessões resultaram no disco "Etenhiritipá", lançado em 1994.

Quatro anos mais tarde, foi realizado o videodocumentário "A'uwê Uptabi - O Povo Verdadeiro". Vencedor do Prêmio Paz e Cultura da Unesco, do 1º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Goias) e do Prêmio Organização Internacional de Cinema Católico.

O filme mostra alguns dos rituais, cenas históricas da chegada dos brancos, entrevistas e o dia-a-dia na aldeia.

Ainda em 98, o livro "Nossa Palavra - Mito e História do Povo Xavante" (Senac) registrou histórias contadas pelos integrantes mais velhos da aldeia. (REA)



Crianças entram na "ri" xavante em Juquitiba; atrás, Siridivê

Programação das visitas

"Wará" de um período (para escolas de 1º e 2º graus - duração: 3 horas)

■ Recepção das crianças com falas tradicionais

■ Vídeo

■ Visita à casa

■ Atividade de arco e flecha

■ Pintura corporal e dança

■ Trilha de uma hora

Quanto: R\$ 15 por aluno de

escolas particulares e R\$ 10

para escolas públicas. Grupos

de 20 até 50 crianças por

período

"Wará" de um dia (para

escolas de 1º e 2º graus -

duração: 8 horas)

■ Recepção das crianças

■ Vídeo

■ Visita à casa

■ Trilha de uma hora

■ Lanche

■ Atividades de arco e flecha

■ Oficina de pintura corporal

e dança

Quanto: R\$ 60 (por pessoa).

Grupos de 20 até 50 crianças

Grupos de iniciação de

adolescentes/escoteiros -

duração: dois dias

■ Recepção

■ Visita à casa

■ Trilha de uma hora

■ Almoço

■ Atividades de arco e flecha

■ Oficina de pintura corporal

■ Corrida de tora

■ Jantar

■ Fogueira com cantos e

danças

■ Dormir na casa tradicional

e café da manhã

■ Luta tradicional "Wa"

■ Almoço

■ Cerimônia na água

■ Dança ritual

Quanto: R\$ 120 (por pessoa).

Grupos de 15 até 30 pessoas

Oficina de canto e dança

Chegada no sábado às 14h

■ Trilha na mata

■ Pintura corporal

■ Dança

■ Fogueira - "Wará"

■ Jantar à beira do fogo

■ Dormir na casa tradicional

■ Café da manhã

■ Cerimônia na água

■ Dança ritual

■ Almoço com cardápio

tradicional e saída à tarde

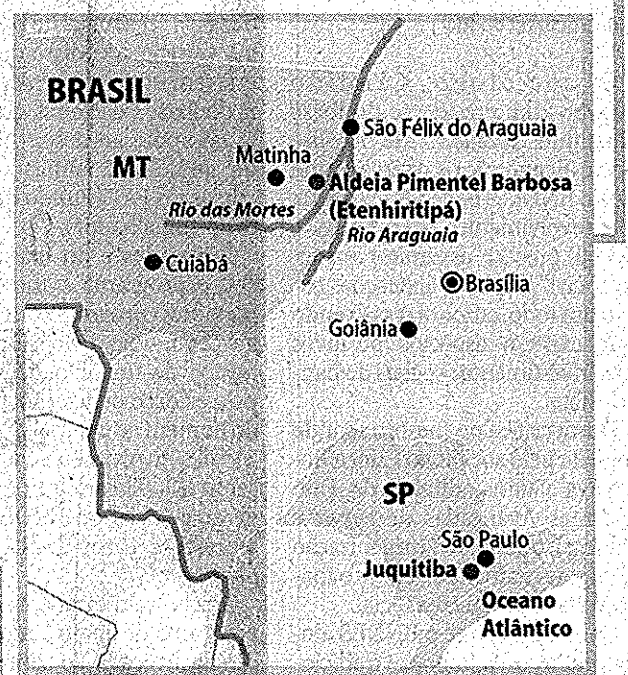
Quanto: R\$ 120 (por pessoa).

Grupos de 15 até 20 pessoas

Tel.: 0/xx/11/490-4270

(André ou Renata)

E-mail: wara@ideti.org.br



Viagem leva quase dois dias

do enviado a Juquitiba

Para receber os visitantes da casa xavante em Juquitiba, os índios da aldeia Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, têm de passar dois dias na estrada.

Segundo Siridivê Xavante, a viagem começa em cima de "um caminhão de carreta, com poeira, sol ou chuva", até o vilarejo de Matinha, à beira da BR-158, ou a cidade de São Félix do Araguaia.

De lá, partem em um ônibus para Brasília. Em Matinha, o ônibus sai às 16h ou, "se atrasar", às 19h. São Félix do Araguaia é a última opção do grupo. Em Brasília, os índios fazem uma baldeação, seguindo para São Paulo. Chegam à cidade pela manhã, cerca de 30 horas após a partida, antes de seguir para Juquitiba.

Essa pequena aventura é contada por Siridivê como parte do trabalho realizado para apresentar o mundo xavante aos não-índios. "Estamos preparados, acima de tudo, para que conheçam nosso mundo", diz.

Pequenos grupos de até três índios adultos devem receber os visitantes no sítio São Benedito. Mas, dependendo da faixa etária dos participantes, podem vir também algumas crianças de Pimentel Barbosa.

Apesar da longa viagem, uma dificuldade dos líderes xavantes, segundo Siridivê, é conter a aldeia: conhecer a "ri" de Juquitiba se transformou num desejo dos habitantes de Pimentel Barbosa. Mas a maioria, até hoje, viu a "embaixada" apenas por meio de fotos. (REA)

O disco
 ■ "Etenhiritipá"
 R\$ 20

O vídeo
 ■ "A'uwê Uptabi - O Povo Verdadeiro"
 R\$ 40

O livro
 ■ "Nossa Palavra - Mito e História do Povo Xavante"

Autores: Sereburá, Hipru, Rupawê, Sereburá, Sereñimirámi (ed. Senac, 1998, R\$ 28)

Onde encontrar:

■ Arte Índia - r. Augusta, 1.371 -

Galeria Ouro Velho, 17/18 -

0/xx/11/283-2102

■ Amoa - Konoya - r. João Moura,

1.002 - 0/xx/11/3061-0639



WARÁ Em roda, crianças ouvem histórias dos índios xavantes; ao fundo, a "ri", casa tradicional das aldeias do grupo, montada em Juquitiba (SP), que recebe visitantes nos fins-de-semana

'Ri' servirá a outros povos

do enviado a Juquitiba

A partir de maio, os xavantes devem ceder sua casa em Juquitiba para que outros grupos indígenas utilizem a "embaixada".

O objetivo é permitir que esses grupos também tenham um espaço para apresentar suas culturas. O planejamento está a cargo do Ideti (Instituto de Desenvolvimento das Tradições Indígenas), uma organização não-governamental criada para difundir as diferentes tradições indígenas.

A ONG, fundada no ano passado por um grupo de jovens indígenas que vivem em São Paulo, atualmente é dirigida pelos xavantes e pelos índios carajás, mundurucus e guaranis.